

# Um “antídoto” para a “ideologia de género”

## O amor no “Cântico dos Cânticos” na companhia dos místicos cristãos

ALEXANDRE FREIRE DUARTE\*

**Resumo:** Este presente estudo apresenta com frontalidade uma visão cristã do amor, enquanto decorrente sobretudo da complementaridade sexual varão/mulher, como uma possível resposta teológica cristã à “ideologia de género” e às suas consequências. Partindo da ponderação: do caminho histórico de formação de tal ideologia; da explicação da mesma; e daquelas mencionadas consequências, a suprarreferida visão emerge de um possível esboço da mensagem que o livro do “Cântico dos Cânticos” aduz sobre tal amor. Isto é feito ao mesmo tempo em articulação criteriosa com o que sobre esta mensagem disseram alguns dos mais significativos místicos cristãos.

**Palavras-chave:** “Cântico dos Cânticos”; místicos cristãos; amor; sexualidade; “ideologia de género”.

\* Doutor em Teologia pela Universidad Pontificia Comillas | Madrid. Especialista em Teologia Espiritual e Mística. Docente nestas áreas, bem como nas da História e Teologia da Igreja Antiga, na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e no Centro de Cultura Católica do Porto. Membro integrado do CEHR-FT. Endereço de correio eletrónico: afduarte@porto.ucp.pt.

**Abstract:** This study presents, with a frank stance, a Christian understanding of love, primarily due to sexual complementarity between men and women, as a possible Christian theological response to "Gender Ideology" and its consequences. Beginning with the consideration of: the historical path that was followed to develop such ideology; the explanation of this ideology; and the above mentioned consequences, the aforementioned vision emerges from a possible sketch of the message that the book of *Song of Songs* says about such love. This is done in careful articulation with what some of the most significant Christian mystics have said about this same message.

**Keywords:** "Song of Songs"; Christian Mystics; Love; Sexuality; "Gender Ideology".

## Introdução

Fazendo eco, mais uma vez, das grandes linhas de força da sociedade coeva, a revista *Humanística e Teologia* decidiu convidar-nos a apresentar uma reflexão sobre a "ideologia de género". No caso vertente, a partir do nosso âmbito de competência específico: a espiritualidade e a mística cristãs.

A Igreja tem tentado responder ao propalar de tal ideologia através de diversas iniciativas extraordinariamente louváveis. Dito isto, talvez parte desse esforço esteja ferido por na própria Igreja haver teólogos, e não só, que fundamentam parte do seu pensamento, igualmente a respeito dos temas considerados pela "ideologia de género", nos escritos de Michel Foucault<sup>1</sup>, Anthony Giddens<sup>2</sup> e Teresa Forcades<sup>3</sup>. Não foi por acaso que Bento XVI disse, com um grito de dor profético, que «os sofrimentos da Igreja vêm justamente do interior da Igreja, do pecado que existe na Igreja. Também isso sempre foi sabido, mas hoje o vemos de um modo realmente terrificante: que a maior perseguição da Igreja não vem de inimigos externos, mas nasce do pecado na Igreja»<sup>4</sup>, por exemplo, ao não seguir o Senhor no que concerne ao que o Mesmo declinou nas Suas grandes opções messiânicas, compendiadas nas, assim comumente denominadas, "tentações do deserto" (cf., v.g., Lc. 4,1-13). Se a Igreja não for também um pronto-socorro para que os seres humanos não se deixem abater pelos apetites desordenados do seu tempo, não estará a ser fiel à missão que Deus lhe entregou.

<sup>1</sup> Cf., v.g., FOUCAULT, Michel de – *Histoire de la sexualité*. Paris: Gallimard, 4 vol., 1976-2018.

<sup>2</sup> Cf., v.g., GIDDENS, Anthony – *Modernity and Self-Identity*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

<sup>3</sup> Cf., v.g., FORCADES I VILA, Teresa – *La teología feminista en la historia*. Barcelona: Fragmenta Editorial, 2007; IDEM – Hacia una sociedad de iguales. *Iglesia viva*, 239 (2009) 31-48.

<sup>4</sup> IGREJA CATÓLICA: BENTO XVI – *Encontro com jornalistas no voo para Portugal*, 11 de maio de 2010.

É provável que nada do que iremos dizer terá impacto no debate atual sobre tal “questão fraturante” que, na nossa opinião, de “fraturante” só tem os atropelos que faz: às evidências científicas mais credíveis, à verdade e à humanidade. Mas, mesmo reconhecendo essa grande probabilidade, estimamos que aquele nosso âmbito de competência, não podendo senão «olha[r] as coisas frente a frente» (2Cor. 10,7), poderá ter algo de relevante a dizer acerca de mais esta evidente tirania, em primeiro da palavra e paulatinamente das mentes, que, mascarada, vem sendo veiculada sob o estandarte de liberdade.

Para isto tentaremos dar eco àquilo que, na linha do (injustamente tido como ofensivo) discurso brilhante que Bento XVI proferiu em 2006 em Regensburg, outrora alguém, que já nos deixa saudades, nos pediu. A saber: um fazer teologia em que não se tem medo nem do “logos” nem do “Theos”; isto é, em que não se tem receio da racionalidade verdadeira, nem vergonha de se falar do único e verdadeiro Deus que é Amor, afastando-nos, assim e por tal teologizar, da «ditadura do relativismo»<sup>5</sup> cultural comparativo da pós-verdade.

De facto, queremos fornecer elementos que também permitam aos teólogos serem capazes de amar e de falar do amor. E isto, não desde o desconhecimento vácuo decorrente do ponderar isto ou aquilo por detrás de uma qualquer barreira opaca cheia de espuma desta ou daquela natureza, antes a partir do conhecimento vivencial derivado do se (querer) ver e dizer a verdade, com aquela *parresia* que não se furta ao conflito que poderá advir fruto de se viver a realidade de Deus ser Amor, no meio das mais cristalinas lágrimas de amor.

O amor que, de facto, é uma qualidade decorrente do se ver e do se ver em profundidade, tal como alegou, de modo notável e como ainda iremos ver com outra precisão, Ricardo de São Vítor. Aquele amor que, por isso mesmo, anda sempre de mãos dadas com o humor, essa nobre ajuda para a santidade, na medida em que, quanto mais não seja, é uma extraordinária terapia para todas as formas de idolatria (sobretudo a autoidolatria). Eis porque, particularmente na vida espiritual cristã – e como bem mencionou Francisco<sup>6</sup>, rasgando horizontes que há anos nós mesmos andávamos a trilhar –, o humor precisa de ser levado tão a sério.

Com tudo isto em mente, o presente estudo, depois desta atual Introdução, dividir-se-á em três grandes capítulos e um brevíssimo elenco de ideias finais sobre o que virá a ser exposto naqueloutros. No primeiro de tais capítulos, deter-nos-emos na apresentação da evolução histórica das bases da matriz

<sup>5</sup> IGREJA CATÓLICA: DECANO DO COLÉGIO CARDINALÍCIO (Joseph Ratzinger) – *Missa “Pro Eligendo Romano Pontifice”*, 18 de abril de 2005.

<sup>6</sup> IGREJA CATÓLICA: FRANCISCO – *Gaudete et exsultate*, 122 e 127.

que está por detrás da “ideologia de género”. No segundo, exporemos uma breve descrição de tal ideologia e um resumido elenco das suas mais proeminentes consequências, mormente teológicas. No terceiro capítulo, dividido em dois apartados distintos mais a deverem ser lidos em articulação, abordaremos o que o “Cântico dos Cânticos” refere sobre os seus dois principais intervenientes – o amado-amante e a amada-amante –, especialmente à luz das características do amor de ambos. Faça-se notar que, neste derradeiro capítulo, teremos sempre o cuidado de ilustrar tais realidades com concisos textos de alguns dos mais relevantes místicos cristãos que se inspiraram em tal livro e/ou o comentaram.

## 1. A construção de uma destruição

Não é fácil aferir, de um modo plenamente satisfatório, a base histórica da “ideologia de género” – binómio cujo significado iremos tentar elucidar apenas no próximo apartado. As raízes da mesma são quase tão nublosas como aquilo que ela propõe. Mas, no meio de todas as nuvens que precisam de ser atravessadas para se conseguir ver algo de mais claro, alguns sucintos elementos parecem-nos claros. São estes os únicos que iremos trazer para estes breves parágrafos que comporão este apartado.

Contra todas as nossas expectativas iniciais, tivemos de admitir que tais elementos são um cruzamento, nem sempre accidental, entre aspirações marxistas e feministas no caldo pós-moderno e psicanalítico derivado de um Sigmund Freud que nunca escondeu que o seu «verdadeiro inimigo [é] [...] a Religião: a Igreja Católica Romana»<sup>7</sup>. De facto, encontramos, desde György Löwinger a Judith Butler, e mais além em alguns histerismos coevos, passando por Antonio Gramsci, uma linha condutora relativamente bem delineada naquele sentido. Uma linha entretecida pelo desejo de destruição, por um lado, dos valores burgueses, cridos como associados à moral judaico-cristã, e, de outro lado, de todas as especificidades inerentes ao sexo feminino. Se a primeira das duas vertentes mencionadas, fortalecida pelos resquícios de algum deísmo feito ateísmo, tem desejado destruir o Pai, acabando por destruir a paternidade, a segunda acaba a destruir a maternidade. Ou seja: acaba-se

<sup>7</sup> Palavras reproduzidas por René Laforgue em LAFORGUE, René – “Personal Memories of Freud”, in RUITENBEEK, Hendrik M. – *Freud as We Knew Him*. Detroit: Wayne State University Press, 1973, 344. Nota: todas as traduções são da nossa responsabilidade, sendo que esta ou aquela breve alteração, feita aos textos citados no quarto capítulo deste estudo, são decorrentes da natureza deste trabalho.

por destruir a própria noção e realidade do que é a humanidade e a família humana enquanto matriz fundamental daquela.

Note-se, desde já, que, se a ambição de aniquilamento disto e/ou daquilo é, como se pôde ver, decisiva na configuração da “ideologia de género”, então, já nos podemos perguntar retoricamente: poderá algo de positivo advir de tal ambição? Quando a vontade fundamental que aglomera um conjunto de esforços é negativa, o que é que de positivo poderá surgir daí? A resposta parece-nos evidente, mas, não obstante isso ou se calhar por isso mesmo, aqui a deixamos: não.

Negando-se, como no caso de György Löwinger, que haja moralidade e imoralidade a nível sexual, aduzindo-se que tudo a este respeito é legítimo<sup>8</sup>; negando-se, conforme se pode ver em Theodor Adorno e Herbert Marcuse, que os valores ocidentais tradicionais são emancipadores, antes afirmando que são repressores<sup>9</sup>; negando-se, na linha das teses de Simone de Beauvoir, de Shulamith Firestone e de Judith Butler que fizeram caminho até diversas conferências da ONU<sup>10</sup>, que a mulher na sua especificidade biológica tem qualidades únicas, e afirmando que a mesma só terá valor sendo igual ao varão<sup>11</sup>; negando-se, com Michel de Foucault e outros desconstrutivistas, a existência de uma natureza humana objetiva<sup>12</sup>, procurou-se, no fundo, realizar através de uma revolução mental, que na verdade mais não é do que uma involução, o que outras táticas prévias, como a revolução política, não haviam logrado. A saber: a implementação de um código social oposto aos valores que, no fundo, construíram a civilização ocidental hoje existente, inclusive naquilo que ela tem de possibilitante da existência de processos de autoextermínio.

<sup>8</sup> Cf., *v.g.*, LUKÁCS, Georg – “The Moral Mission of the Communist Party,” in LIVINGSTONE, Rodney (ed.) – *Georg Lukács’ Tactics and Ethics, Political Writings (1919-1929)*. London: New Left Books, 1972, 64-70.

<sup>9</sup> Cf., *v.g.*, ADORNO, Theodor *et alii* – *The Authoritarian Personality: Studies in Prejudice Series*, vol. 1. New York: Harper & Row, 1950; MARCUSE, Herbert – *An Essay on Liberation*. Boston: Beacon Press, 1969.

<sup>10</sup> Cf. UNITED NATIONS – “Beijing Declaration: Fourth World Conference on Women”, in LECKIE, Scott; Gallagher, Anne T. *et alii* (ed.) – *Economic, Social, and Cultural Rights: A Legal Resource Guide*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006, 417-420. Agradecemos à Professora Doutora Joana Caeiro a indicação acerca da existência deste texto, bem como a referência e empréstimo desta fonte.

<sup>11</sup> Cf., *v.g.*, BEAUVOIR, Simone de – *Le Deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949; FIRESTONE, Shulamith – *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution*. New York: William Morrow, 1970; BUTLER, Judith – *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

<sup>12</sup> Cf., *v.g.*, FOUCAULT, Michel; CHOMSKY, Noam – *De la nature humaine: Justice contre pouvoir*. Paris: L’Hermé, 2007.

É aqui que precisamos de trazer mais substancialmente à colação o já mencionado Gramsci, pois, na verdade e pela lucidez que teve em ver que havia mais coesão entre filões de valores do que entre grupos de classe, ele pode e deve ser considerado o estratega principal do que acabámos de mencionar na última frase do parágrafo anterior. Para tal ideólogo, era necessário levar a cabo a penetração capilar da ambiguidade moral, da exaltação pseudoética e do cientismo niilista que, por sua vez, alimentariam anti-valores-tradicionais – leia-se: sobretudo judaico-cristãos – em todos aqueles âmbitos sociais que poderiam levar a um subtil domínio férreo das faculdades mentais humanas. Por outras palavras: para desnormalizar o normal, seria preciso normalizar o que não era normal, para, desse modo, se lograr a dissolução da sociedade existente e a ulterior edificação de uma outra sociedade. Uma sob o domínio extremista do «materialismo histórico [que] terá essa função, não apenas como uma conceção totalitária do mundo, mas totalitária na medida em que irá investir toda a sociedade das suas próprias raízes mais profundas»<sup>13</sup>.

Embora este filósofo italiano pudesse sonhar com uma pujante posteridade para o seu pensamento, acerca da necessidade de se destruir a ideia comum do que é ser uma mulher, através de palavras que, sendo tão ofensivas para o sexo feminino e a porção deste que é imensamente feliz por ser mãe, a caridade, bem como o bom nome desta revista que tão simpaticamente acolheu este nosso trabalho, nos convida a não transcrever nestas páginas<sup>14</sup>.

Pois bem, aqueloutra implementação tem-se baseado numa terraplenagem linguística que, lentamente e através de moldáveis misturas de evasão e opacidade, começou a ser imposta às pessoas. Os próprios dicionários e enciclopédias, em nome de mais “ricos” significados que vêm colados à pele escorregadia dos novos Leviatãs, estão a tornar-se genuínas áreas minadas. Já não estamos, em termos linguísticos, a ver pessoas a viverem nos momentos finais de uma Torre de Babel que o Pentecostes possibilitou inverter. Estamos a vê-las, quase que ubiquamente, a viverem para além desses momentos.

Um mundo invertido como o de *Alice no País das Maravilhas* não está longe do nosso quotidiano: o nome de uma coisa já é diferente daquele pelo qual esta mesma é chamada, e até é diferente do que o seu próprio nome é chamado. O mesmo se diga a respeito da distopia da “Newspeak” e do “Doublethink”<sup>15</sup> de *Nineteen Eighty-Four*: as palavras, cada vez mais baseadas

<sup>13</sup> GRAMSCI, Antonio – *I quaderni: passato e presente*. Roma: Editori Riuniti, 1996, 151.

<sup>14</sup> Cf. FIRESTONE, Shulamith – *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution*. New York: William Morrow, 1970, 199.

<sup>15</sup> Optámos por deixar, neste nosso trabalho, os termos “Newspeak” e “doublethink” inalterados, pois os termos portugueses que pudemos verificar que são usualmente empregados para os

em acasos calculados por manipuladores do que em elementos objetivos, já se tornaram veículo de referência dos seus antônimos tradicionais.

Com efeito, ao contrário do que chegámos a fazer quando lemos, na ocasião numa tradução portuguesa, pela primeira vez essa obra, já não conseguimos rir quando nos encontramos com as seguintes palavras:

Com tantas palavras da Newspeak, esta palavra tem dois significados mutuamente contraditórios. Quando usado face a um oponente, significa o hábito de afirmar descaradamente que o preto é branco, em contradição com os factos mais elementares. Quando usado com um membro do Partido, significa uma disposição leal de dizer que o preto é branco quando a disciplina do Partido exige isso. Mas significa também a capacidade de *acreditar* que o preto é branco, e mais: saber que o preto é branco e esquecer que alguém já acreditou no oposto. Isto requer uma contínua alteração do passado, tornada possível pelo sistema de pensamento que realmente envolve tudo o demais, e que é conhecido na *Newspeak* como *doublethink*.<sup>16</sup>

Daquele modo, toda uma verdadeira lavagem cerebral da população começou a ser levada a cabo. E tem-no sido através de enxurradas de demagogia, eufemismos e hipocrisia, os quais escondem conceitos moralmente censuráveis sob a aparência de ideias positivas, inclusive através de uma cristianização dos termos para se operar uma descristianização do conteúdo desses mesmos termos – presente, por exemplo, em dizer-se que a “eutanásia” é “compaixão” e o “aborto” é “misericórdia”. Aqui temos uma reeducação mental forçada que, lentamente, vai conduzindo a que a generalidade das pessoas acabe a ler, descrever e decidir intervir em dada realidade de acordo com critérios mentais distorcidos, em que as realidades mais tétricas são almeçadas porquanto apresentadas mediante palavras que se pretendem passar por sinónimos, quando, no fundo, não são senão pseudónimos.

Esses critérios, no fundo, levam a que os sujeitos expressem, não o que quereriam verdadeiramente, mas o que os demais lhes foram impingindo através do que Francisco denominou, com apurada precisão e a respeito justamente da “ideologia de género”, de «colonização ideológica»<sup>17</sup>. Critérios totalmente alheios, por exemplo, às evidências dos dados provindos, quer da razão humana bem orientada, quer da ciência verdadeira; isto é, a que se preocupa

traduzir – respetivamente “novíngua” e “duplo-pensar” – não nos parecem totalmente ajustados, nem fomos capazes de gizar outros melhores.

<sup>16</sup> Cf. ORWELL, George – *Nineteen Eighty-Four*. London: Penguin, 1990, 221.

<sup>17</sup> IGREJA CATÓLICA: FRANCISCO – *Discurso no Encontro Mundial das Famílias*, 16 de janeiro de 2015.

com a verdade, e não aquela que, em nome de ficções humanitárias, procura impedir a demanda e a publicação dessa verdade. Tal foi patenteado num, ao tempo em que estas palavras são redigidas, recente editorial da revista *Nature*:

A ideia de que a ciência pode chegar a conclusões definitivas sobre o sexo ou o gênero de uma pessoa está fundamentalmente errada. [...] As tentativas políticas de classificar as pessoas [em função apenas dos genitais e dos testes genéticos] não têm nada a ver com ciência e tudo a ver com a remoção de direitos e do reconhecimento daqueles cuja identidade não corresponde a ideias antiquadas de sexo e de gênero. [...] [Isso] facilitaria que aquelas instituições que recebessem [...] fundos, como universidades e programas de saúde, discriminassem pessoas com base na sua identidade de gênero.<sup>18</sup>

Antes “ideias antiquadas”, certas e com autoridade, do que “novas”, erradas e sem autoridade, mas que têm levado cada vez mais a que, coevamente, qualquer (pseudo)cientista possa falar de qualquer ideia sectária, não em nome de uma qualquer seita, mas em nome da “ciência”<sup>19</sup>. A grandeza de um cientista, tal como a de qualquer outro ser humano, não se mede pelo que ensina, mas pelo que assume como certo. Eis um dos maiores dramas e, ao mesmo tempo, das maiores tristezas da nossa vida hodierna, já lamentado há cem anos pelo, em mais do que um sentido, grande Chesterton: o de se ter passado a dar mais valor à “ciência” do que à verdade<sup>20</sup>, talvez por, em tantos e tantos quadrantes, já não se (querer) ensinar a desejar e a dizer a verdade.

De qualquer modo, que haja pessoas que enveredem voluntariamente por promover tal “colonização” já é triste. Contudo, que haja muitas mais pessoas que, involuntariamente, são vítimas torturadas dessa mesma realidade ilusória é muito, muito mais triste. Bem tinha razão Luís Pedro Fonseca quando, num refrão de uma canção por si escrita e à qual Lena d’Água emprestava a sua lânguida voz, dizia «Demagogia... feita à maneira, / é como queijo... numa ratoeira»<sup>21</sup>. Não nos admiremos, pois, que em breve se conheça pessoas que estimem que é o mexer das folhas nas árvores aquilo que suscita o vento.

<sup>18</sup> ANÓNIMO – Anatomy does not define gender. *Nature*, 563 (1 de novembro de 2018) 5.

<sup>19</sup> Cf., como exemplo disto, as obras de “espiritualidade” de Luís Portela: *Ser Espiritual: Da evidência à ciência*. Lisboa: Gradiva, 2013 e *Da Ciência ao Amor: pelo esclarecimento espiritual*. Lisboa: Gradiva, 2018.

<sup>20</sup> Cf. CHESTERTON, G. K. – “The False Photographer”, in IDEM – *A Miscellany of Men*. London: Methuen & Co., 1912, 231.

<sup>21</sup> FONSECA, Luís Pedro (letra); D’ÁGUA, Lena (voz) – “Demagogia”, in *Perto de ti*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1982. Álbum musical.

Seja como for, é neste, e a partir deste, preciso cenário que se deve tentar compreender o que é a mencionada ideologia. Faremos isto no próximo capítulo.

## 2. Disparates com quilates e suas consequências

Admitamos: vamos começar este brevíssimo apartado deste estudo por uma verdade de La Palice. Mas, ao menos, estas não deixam de ser verdades, por mais evidentes que o sejam, tendo, além do mais, a vantagem de até poderem ser entendidas por quem gosta de se fazer desentendido. A saber: "ideologia de género" é formado por dois termos básicos: "ideologia" e "género", donde, para se compreender um pouco o que aquele binómio pretende significar, comecemos por olhar para estoutros dois termos, deixando para um ulterior momento, a descrição do conceito que resulta da junção dos mesmos.

O termo "ideologia", cunhado inicialmente por Antoine Louis Claude Destutt, já é de si demasiado pretensioso para ser levado a sério. De facto, desejava reportar-se a uma suposta ciência das ideias que pretendia ser a «ciência que explicasse todas as ciências»<sup>22</sup>, mas que, no fundo, apenas visava a imposição, dogmática e totalitária de conceitos pré-concebidos edificadores de um *corpus* absolutamente hermético e, assim, avesso a toda a racionalidade e até razoabilidade.

Por seu lado, a elástica palavra "género", pensada no sentido que aqui nos prende a atenção por John Money no ano de 1955<sup>23</sup>, pretende expressar a ideia, ainda mais dificilmente aceitável face aos dados mais objetivos das ciências, de uma separação integral entre a natureza e a escolha. Por um lado, haveria o dado fenomenológico-biológico natural: o "sexo". Por outro lado, e embora com a exceção das pessoas "gays" e "lésbicas" (acerca de quem se admite que o seu ser vem todo ele de uma programação genética que os faz ser como são), existiria uma pura construção cultural e educativa, por sinal sempre suscetível de ser alterada por influências sociais e escolhas individuais sempre voláteis, acerca da identidade sexuada: o "género". Afirma Money, precisamente sobre isto, que

<sup>22</sup> Cf., *v.g.*, HAWKES, David – *Ideology*, 2<sup>nd</sup> edition London; New York: Routledge, 2003, 61.

<sup>23</sup> Cf., *v.g.*, MONEY, John – Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings. *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital* 96 (1955) 253-264; MONEY, John *et alii* – An Examination of Some Basic Sexual Concepts: The Evidence of Human Hermaphroditism. *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital* 97 (1955) 301-319 (nota: este último estudo não foi por nós consultado); MONEY, John – *Gendermaps: Social Constructionism, Feminism, and Sexosophical History*. New York: Continuum, 1995.

o termo “papel de género” são todas aquelas coisas que uma pessoa diz ou faz para se manifestar como tendo o estatuto de rapaz ou homem, rapariga ou mulher, respetivamente. Ele inclui, mas não se restringe à sexualidade no sentido do erotismo. O papel do género é avaliado em relação ao seguinte: maneirismos gerais; conduta e comportamento; preferências de jogo e interesses recreativos; tópicos espontâneos de discurso em conversas espontâneas e comentários casuais; conteúdo de sonhos; devaneios e fantasias; respostas a inquirições oblíquas e testes projetivos; evidência de práticas eróticas e, finalmente, as próprias respostas da pessoa a questões diretas.<sup>24</sup>

A mencionada separação – que parece (pretender) ser voluntariamente cega para o facto de que há convenções sociais humanas que surgem de tendências humanas que são, de modo indeclinável, naturais e corporalmente incarnadas e só ascensionais graças à relação com o complementar<sup>25</sup> – acaba, desde logo, por promover quatro realidades assaz graves. Em concreto: a recusa (da importância) dos incontornáveis papéis sociais do varão e da mulher; a normalização da mutilação injustificada e imoral dos próprios corpos, em nome de simples impressões subjetivas a nível emocional, sentimental ou desiderativo e que não estão conformadas com a verdade – e isso por mais que não se possa mudar de “sexo”, pois este não é apenas uma questão corporal (embora esteja inscrito no ADN de cada uma das células do corpo<sup>26</sup>), acabando-se, pois, apenas por mudar de genitais –; a negação da própria realidade de “sexo”, entendido ele mesmo, em alguns âmbitos, como uma construção social<sup>27</sup>; o chegar-se

<sup>24</sup> MONEY, John – Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings. *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital*, 96 (1955) 254.

<sup>25</sup> Cf., v.g., JONAS, Hans – *Das Prinzip Leben: Ansätze zu einer philosophischen Biologie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

<sup>26</sup> Cf., v.g. e inclusive para perspetivas não providas da teologia, MOIR, Anne; JESSEL, David – *Brain Sex: The Real Difference between Men and Women*. New York: Dell Publishers, 1991; GLEZERMAN, Marek – *Gender Medicine: The Groundbreaking New Science of Gender and Sex-Related Diagnosis and Treatment*. New York; London: The Overlook Press, 2016. De notar que tudo o que o este autor aduz explicitamente – nomeadamente logo no começo do primeiro capítulo – e implicitamente nesta obra leva-nos a estimar que o uso do termo “género” por si é apenas por facilidade de expressão e receio de ferir sensibilidades, pois, no fundo, não quer dizer outra coisa do que “sexo”.

<sup>27</sup> Cf., v.g., STOLLER, Robert J. – *Sex and Gender: On the Development of Masculinity and Femininity*. New York: Science House, 1968, 9; IDEM – *Presentations of Gender*. New Haven: Yale University Press, 1985, 6; WEEKS, Jeffrey – *Sexuality: Key Ideas*, 3rd ed. London: Routledge; Taylor & Francis, 2010.

a aduzir, como faz Riley J. Dennis, que quem tem preferências genitais pelo sexo oposto é demente<sup>28</sup>.

O facto é que «a Palavra fez-Se carne» (Jo. 1,14), mas agora, como bem denuncia Daniel Moody num livro imperdível, pretende-se fantasiosamente a que a carne se faça palavra<sup>29</sup>. Com efeito, chega-se a des-reificar a realidade sexual biológica, convertendo-a, sob a capa do termo “género” e na senda do intuito geral de se definir a realidade exclusivamente pela linguagem, em simples verbos emocionais espectrais em incessante fabricação: «o género é uma instituição social, um processo de diferenciação incessante [...]. Se pudéssemos usar o termo “género” como um verbo (eu género, tu géneros, ela génera...) seria muito melhor para a nossa compreensão»<sup>30</sup>. Verbos emocionais esses que traduzem uma mera quimera incorporal que ambiciona o máximo de entretenimento – estranhamente corporal – provindo da «sexualidade plástica»<sup>31</sup> (ou sem relação alguma com a reprodução), a par da menor sensatez e discernimento. Se – o que não é o caso – a realidade fosse esta, aquiesceríamos, de bom grado, com a, de outro modo apenas caracterizável como uma *absurdité*, afirmação de Judith Butler de que «todo o género é antinatural»<sup>32</sup>.

No fundo é isso a “ideologia de género”: o fazer do que se sente a única realidade, no que acabará por destruir o sentir e os sentimentos; o fazer daquilo de que se gosta a verdade exclusiva – talvez para, baseando-se na difundida máxima de que “os gostos não se discutem”, não ter de se debater o que está por detrás daquilo. Por outras palavras: tal ideologia é a absolutização da subjetividade interior sentida ou meramente aduzida, sem nenhum correlato com uma ponderação exterior objetiva.

Eis uma aferição objetiva igualmente recusada por ser tida, por vezes, como a expressão: de um erro cósmico; da maldade de um qualquer “novo” demiurgo gnóstico, mas sem que este esteja na mente daqueles gnósticos

<sup>28</sup> Cf. DENNIS, Riley J. – Can having genital preferences for dating mean you're anti-trans?, *Everyday Feminism*, 21 de abril de 2017, *apud* ANDERSON, Ryan T. – *When Harry Became Sally: Responding to the Transgender Moment*. New York: Encounter Books, 2018, 210.

<sup>29</sup> Cf. MOODY, Daniel – *The Flesh Made Word: a new reason to be against abortion*. Atascadero: CreateSpace, 2016.

<sup>30</sup> CONNELL, Raewyn; CONNELL, Robert – *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*. Sydney: Allen & Unwin; Stanford: Stanford University Press; Cambridge: Polity Press, 1987, 140; cf. THATCHER, Adrian – *God, Sex, and Gender: An Introduction*. London: Wiley-Blackwell, 2011, 17.

<sup>31</sup> GIDDENS, Anthony – *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love, and Eroticism in Modern Societies*. Stanford: Stanford University Press, 1991, 2.

<sup>32</sup> BUTTLER, Judith – Sex and Gender in Simone de Beauvoir's *Second Sex*. *Yale French Studies*, 72 (1986) 35.

de outrora que, sendo bem mais sábios do que o seu gnosticismo, acabaram por aderir ao Cristianismo; ou até da ignorância dos pais e/ou dos médicos aquando de alguma ecografia ou, então, do parto. Uma avaliação que, dessa forma – e não obstante se continue a dizer que aprisiona a “identidade de género” (ou até “expressão de género”<sup>33</sup>) do indivíduo –, se tem acabado por tentar volatilizar e transformar numa sombra, que acabará, lamentavelmente, por assombrar quem acreditar nisso.

Se, como sabemos, na matemática multiplicar “menos” por “menos” dá “mais”, no âmbito do discurso humano, a multiplicação de dois equívocos – a “ideologia” e o “género” entendido como explanâmos – não dá origem a uma verdade. Pelo contrário: tem-se um equívoco ainda maior, que manifesta que, entre outras coisas, pode haver intelectuais destaentos à verdade, tal como podemos ver, no caso do tema sobre o qual estamos a discutir, a partir sobretudo de John Money e da ulterior multiplicação imaginativa dos géneros tidos como existentes, para além dos dois que, associados aos órgãos genitais, as crianças de três anos já são capazes de reconhecer e explicar.

Seja como for, tudo o que fomos vendo até agora neste apartado acaba por conduzir, quando levado às suas últimas implicações, a quatro graves e basilares consequências particularmente teológicas que apresentaremos de seguida.

Em primeiro lugar, temos a destruição da compreensão mais reta do ser humano e, assim e em última análise, até deste mesmo, pois, já depois das negações históricas do “espírito” e da “alma”, acaba-se por negar, paradoxalmente a partir de um contexto exclusivamente materialista, o valor da materialidade corporal. E isto aduzindo-se que ela, em vez de ser a matriz fundamental da vivência concreta e irreiterável das relações humanas, é manipulável e, assim, acessória para a identidade pessoal.

Se assim é, nunca o ser humano verá a sua dignidade e meta reconhecidas a nível essencial, como acontece, do modo mais excelso, com a afirmação de que o mesmo é criado «à imagem semelhante» (*Gn.* 1,26) do Criador. E isto enquanto varão e mulher, diferentes entre si, sim, mas em que os dois são verdadeira e plenamente pessoas (cf. *Gn.* 2,21-24) sem distinção na sua capacidade de relação espiritual com Deus (cf. *Gal.* 3,28). Mas não só: além de tal criação, o mesmo está chamado (cf. *Ef.* 4,13) a configurar-se com Cristo Jesus, «Imagem» (*2Cor.* 4,4; *Col.* 1,15) plena de Deus e que, por isso mesmo, foi Vida em tudo na Sua vida<sup>34</sup>. Deste modo, ele, tomando-se «à imagem» (*Sab.* 2,23) de

<sup>33</sup> Cf. TEICH, Nicholas M. – *Transgender 101: A Simple Guide to a Complex Issue*. New York: Columbia University Press, 2012, 14.

<sup>34</sup> Cf. CLEMENTE DE ALEXANDRIA – *Pedagogo*, 1, 127, 1.

Deus, realiza a sua vocação de «participante da natureza divina» (2Pd. 1,4) que não é senão «Amor» (Jo. 4,8.16). Participante, sim, e participante nas suas identidades naturais perduráveis após a morte, pois «o masculino e o feminino [...] pertencem ontologicamente à criação e [...] [estão] destinados a perdurar além do tempo presente, evidentemente numa forma Transfigurada»<sup>35</sup>. É-nos totalmente impossível, acerca destas últimas afirmações, não trazer para aqui uma exímia frase de Máximo o Confessor:

As pessoas participam totalmente em Deus todo, de modo que, pela união do homem todo, Deus torna acessível a participação do espírito com Ele, e, por meio disso, a alma possa receber constância e, por seu lado, o corpo imortalidade, e, assim, o homem todo é feito totalmente Deus, divinizado pela graça de Deus, sendo que, não obstante, aquele que foi feito homem, em tudo naquela união, permaneceu homem na natureza, e tudo, em tal união, se tornou Deus pela graça.<sup>36</sup>

Depois temos o que nos parece ser a negação do verdadeiro amor humano. Este, para existir, necessita de pessoas; isto é, de seres que são sujeitos autónomos (mas nunca autocráticos), operativos de relações e inter-relações possibilitadas pela sua corporeidade material. Se esta última é desvalorizada como um mero devaneio mental que precisa de ser descartado, a pessoa humana pura e simplesmente deixa de poder ser pessoa, reduzindo-se a um simples indivíduo monádico incapaz de amar, tomando-se, assim, não num “morto-vivo”, mas num “vivo-morto”, pois «quem não ama está morto» (1Jo. 3,14).

Penultimamente temos a negação da riqueza da sexualidade humana, inclusive no que esta tem de exercício genital gozoso, enquanto vocação para a comunhão humana entre pessoas que – na sua complementaridade sexual, primeiramente corpóreo-material, mas abrangendo todas as suas demais vertentes constitutivas e existenciais –, pelos seus corpos, vivem um contacto de doação e acolhimento, de coração a coração. Um contacto que os abre ao Deus que vem até eles também pela sã, interpaciente e intersanante vivência sexual genital dos mesmos, naquilo que faz da mesma um meio de crescimento espiritual único, a ponto de João Clímaco ter afirmado: «abençoada é a pessoa que ama e suspira por Deus como o amado louco pela sua amada, [...] gerando sempre fogo pelo fogo, amor erótico pelo amor erótico, desejo

<sup>35</sup> IGREJA CATÓLICA: CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ – *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo – Introdução*, 12.

<sup>36</sup> MÁXIMO O CONFESSOR – *Ambigua*, 7.

pelo desejo»<sup>37</sup>. E eis, exatamente, como os amados que vivem matrimonialmente, a caminho de se tornarem aptos a unir-se ao Senhor e com ele ser um só espírito (cf. *1Cor.* 6,17), se tornam (em) uma só carne (cf. *Gn.* 2,24; *Mc.* 10,8), nomeadamente, mas não só, no filho que deles poderá advir, tal como bem deixa claro João Crisóstomo:

E como é que eles [os esposos] se tornam uma só carne? É como se devesse retirar a mais pura parte do ouro e, depois, a misturasses com outro ouro; então, na verdade, aqui também a mulher, recebendo a parte mais rica [do varão] fundida pelo prazer mútuo, nutre-a e cuida dela, e, ao mesmo tempo e contribuindo com sua própria parte, a restitui como um ser humano. [...] Mas suponhamos que não haja criança; será que os esposos permanecem dois e não um? Não: a sua relação [sexual] realiza a união dos seus corpos, e eles são feitos um, assim como quando o perfume é misturado com o unguento.<sup>38</sup>

Sabemos, da história do próprio Cristianismo, que, ainda há não muito tempo, havia quem desvalorizasse, e até estimasse como tendencialmente pecaminoso, o prazer sexual mesmo em contexto matrimonial. É triste que isso tenha sido assim, donde, acerca disto mesmo, João Crisóstomo poderá emprestar-nos, novamente e com um outro excerto da homilia que já citámos imediatamente antes, algumas palavras:

Sei que muitos se envergonham do que sustive [...] [mas] "o casamento é honroso e a cama sem mácula" [*Hb.* 13,4]. Porque estais com vergonha do honrado? Porque corais com o imaculado? Isso é para hereges e pagãos. [...] Eu quero mostrar-vos que não deveis envergonhar-vos dessas coisas [...], pois, se tiverdes vergonha, estareis a condenar o Deus que institui o matrimónio [...] também como mistério da Igreja.<sup>39</sup>

Por fim, com a anteriormente apontada possibilidade da autoinstituição, de modo pretensiosa e supostamente *ex nihilo*, do sujeito em fabricante – pois não mais co(m)criador, nem sequer criador, do que já é enquanto dom – daquilo que quer ser e, até eventualmente, de quem quer ser, acaba-se por ter um reforço, nem tão indireto quanto isso, da imponderada negação da realidade do próprio Deus-Amor Criador. Não se crendo em Deus, acaba-se

<sup>37</sup> JOÃO CLÍMACO – *Escada ao Paraíso*, 22, 11; 1, 46.

<sup>38</sup> JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilias acerca de Colossenses*, 12, 23.

<sup>39</sup> JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilias acerca de Colossenses*, 12, 24.

por crer em tudo e, assim, por não crer em nada, o que, por sua vez, apenas levará a que não se saia jamais de onde se está. Tudo isto apenas reforça a negação (do dom) da criaturalidade humana, passando-se a conceber o ser humano, e sobretudo a sua corporeidade material também sexual distinta entre mulher e varão (cf. *Gn.* 1,27), não mais como um presente, também divino, inato e não dependente da escolha pessoal – tal como acontece com o próprio nascimento –, que deve crescer na sua autenticidade responsável e responsorial.

Se assim é, o ser humano e o seu corpo vão sendo pensados apenas como uma produção autotransformadora prometeica que, decorrente da recusa do uso da liberdade e assim somente conducente à escravidão derivada da «autoemancipação do homem da criação e do Criador [...] [que o faz] vive[r] contra a verdade»<sup>40</sup>, acaba por dinamitar as bases da verdadeira comunhão e da genuína comunicação pessoal e interpessoal. Não é evidentiíssimo que isto – a negação de que, exceto em quem padece de certas desordens como o hermafroditismo, não há pessoas humanas sem serem varão ou mulher – leva a consequências graves mesmo a nível da promoção de uma sociedade mais atenta à equidade, inclusive no que concerne à valorização, respeitadora da sua distinção, dos dois sexos?

Marx, Nietzsche, Freud e Sartre – respetivamente com a “a religião como o ópio do Povo”, a “morte de Deus”, a absolutização dos “impulsos sexuais” e o “nihilismo desenfreado”<sup>41</sup> – estariam, acaso estivessem entre nós, a sorrir de orelha a orelha. Não é isso razão suficiente para se recusar a “ideologia de género”? Não, claro que não. Mas há outras, muitas outras razões para a recusar, mas todas elas podem ser resumidas apenas a uma e, por sinal, tão elementar que não só resume, mas também abarca todas as demais. A saber: a “ideologia de género” (mas não a, por vezes metafisicamente brilhante, “teoria do género”), bem como a sua «terrível» promoção, manifestam, por vezes, uma tendência para recusar o verdadeiro amor. Aquele amor de onde a verdade dimana sem confundir, por isso mesmo, a bondade com a indiferença face ao bem e ao mal, acabando por dinamitar a possibilidade da afirmação de uma igualdade ontológica radical entre todos os seres humanos. Bem tinha razão G. K. Chesterton quando dizia que a crença em Deus é a mais firme

<sup>40</sup> IGREJA CATÓLICA: BENTO XVI – *Discurso à Cúria Romana por ocasião dos votos de feliz Natal*, 22 de dezembro de 2008.

<sup>41</sup> Cf., v.g., MARX, Karl – *Einleitung*, in IDEM – *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, in *Werke von Karl Marx und Friedrich Engel*, vol. 1. Berlin: Karl Dietz, 1976, 47; NIETZSCHE, Friedrich – *Also sprach Zarathustra*, 1, 22, 3; FREUD, Sigmund – *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. 1905, 169; SARTRE, Jean-Paul – *La Nausée*. Paris: Gallimard, 1972 [1938], todo.

garantia da crença em, e da defesa de, tal igualdade<sup>42</sup>, donde toda a preocupação por esta última vem da teologia e é virtualmente inútil sem ela<sup>43</sup>.

As pessoas que padecem de reais problemas<sup>44</sup> relacionados com o que os ativistas da “ideologia de género” pretendem solucionar nunca verão tais problemas resolvidos por esta ideologia. Deveras, nunca algo que seja defendido por uma mentira será verdadeiro e, por conseguinte, apenas agravará a condição daquelas pessoas, assim tomadas vítimas daqueles que, eivados de tal “ideologia”, dizem que as querem ajudar<sup>45</sup>, levando a que, ultimamente, tais ajudadores falhados se tomem, eles mesmos e infelizmente, uma das suas maiores tragédias. E o motivo para tais factos é simples: no meio de uma sociedade crescentemente ansiosa e desestruturada por diversas alienações, os mais vulneráveis, onde também se encontram tais dois grupos de pessoas, tomam-se incapazes de serem quem são. Preferem usar máscaras resultantes de fragmentantes e despersonalizantes mecanismos de cópia<sup>46</sup> que lhe são impostos, sem grandes escrúpulos, pelos “ideólogos de ‘género’”. Na era da sugestão e da superstição, a irracionalidade parece ter imperado.

Também por isto, mas não só por isto, tais pessoas, que muito sofrem, têm direito a muito, muito mais do que aquilo que aquela ideologia, e seus aspetos práticos, podem lograr. Direito, não a mais privilégios, mas a mais atenção e respeito acerca da sua verdade essencial. Isto a que acabámos de aludir não é uma perspetiva paternalista ou condescendente da realidade; é a perspetiva realista da realidade. É justamente por isto que Francisco referiu, com a sua grande atenção pastoral que por vezes se nos escapa, que «uma coisa é compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e outra é aceitar ideologias que pretendem dividir em dois os aspetos inseparáveis da realidade [o sexo e o género]»<sup>47</sup>.

<sup>42</sup> Cf. CHESTERTON, G. K. – *The New Jerusalem*. New York: George H. Doran, 1921, 30.

<sup>43</sup> Cf. CHESTERTON, G. K. – “On Dress and Decorum”, in IDEM – *All is Grist: a Book of Essays*. London: Methuen, 1931, 378.

<sup>44</sup> Cf. STOLLER, Robert J. – *Presentations of Gender*. New Haven: Yale University Press, 1985, 18-24.

<sup>45</sup> Cf. McHUGH, Paul Rodney – *Psychiatric Misadventures*. *The American Scholar*, 61: 4 (1992) 497-510; ANDERSON, Ryan T. – *When Harry Became Sally: Responding to the Transgender Moment*. New York: Encounter Books, 2018.

<sup>46</sup> Cf., *v.g.*, GAROLI, Albert – *The Evolutionary Glitch*. Ann Arbor: LH Press, 2008.

<sup>47</sup> IGREJA CATÓLICA: FRANCISCO – *Amoris laetitia*, 56.

### 3. O amor dos amantes no “Cântico dos Cânticos” e os místicos cristãos

Não existe nada de tão à imagem semelhante de Deus no ser humano como o seu amor, o qual, aliás, não é senão, e porquanto não há dois amores, o próprio amor do Deus-Amor a ser gerido pelas faculdades humanas. Este amor humano dificilmente terá sido tão lucidamente dito como no “Cântico dos Cânticos”. Mesmo para quem não crê em Deus, nem no (retamente compreendido) carácter inspirado dos textos bíblicos, o texto daquele pequeno livro, escrito na sua presente forma não antes de 400 a.C.<sup>48</sup>, é de um valor antropológico insuperável. Negar este facto não seria senão uma soma de preconceitos que revelariam a que nível de desumanização pode chegar quem se crê humano.

Por outro lado, não há nenhum ser apenas humano já tão capaz de ser dito à imagem semelhante de Deus senão aquele que, por Cristo e no Espírito, vive, de modo incoativo e no presente, aquilo que será a vida de todo o ser humano plenamente humanizado: o místico e o místico cristão. Isto é, aquele que vive os níveis mais elevados de uma existência orientada pelo espírito ao Espírito e, desse modo, firmemente baseada no amor.

Em consequência do apontado antes, procuraremos olhar para o “Cântico dos Cânticos” em busca do que tal texto nos pode dizer acerca do amor humano nas suas duas vertentes antropológicas complementares e irreductíveis, pois marcadas por uma sempre incontornável biologia: a varonil e a feminina. Olharemos para ele, também a partir do que grandes místicos cristãos disseram acerca de algumas das mais importantes passagens de tal livro bíblico em que, precisamente, tais duas vertentes surgem patenteadas, procurando ser maximamente fiéis, quer ao texto bíblico, quer às leituras que aqueles místicos fizeram dele. E fizeram-nas, não por causa de processos de sublimação de ímpetos sexuais reprimidos, mas de condensação não saturada do seu ser, do seu amor e da sua linguagem, a ponto de Simone Weil ter dito com ajuizado acerto que «censurar os místicos por amarem a Deus através da faculdade do amor sexual é como censurar um pintor por fazer quadros através de cores confeccionadas com substâncias materiais»<sup>49</sup>.

Dito isto, deve-ter-se em atenção um aspeto que vai nortear a nossa redação. É um facto que a generalidade dos místicos cristãos que iremos mencionar

<sup>48</sup> Cf. MARIASELVAM, Abraham – *The Song of Songs and Ancient Tamil Love Poems: Poetry and Symbolism*. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1988, 44; LONGMAN III, Tremper – *Commentary to the Song of Songs*, in IDEM; Konkel, August H. – *Job, Ecclesiastes, Song of Songs*. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2006, 342.

<sup>49</sup> WEILL, Simone – *Cahiers (février 1942-juin 1942)*, in DEGRÂCES, Alyette et alli (ed.) – *Œuvres complètes de Simone Weil*, vol. 6/3. Paris: Gallimard, 2002, 170.

(e não só<sup>50</sup>) envereda preferencialmente por estratégias interpretativas alegóricas ou, quando muito, tipológicas. Com isto em consideração, tenha-se em conta que não restringiremos a nossa leitura do “Cântico dos Cânticos” a tais ponderações, antes deixaremos que, em primeiro lugar, ele possa vir à nossa consciência como um bem organizado tecido de cânticos, *líricos* e pedagógicos, acerca de um santo amor humano em todas as suas vertentes – da erótica à do mistério, passando pela da incompreensão, também decorrente da anterior, e a da reconciliação – entre um varão e uma mulher. E isto, em comunhão, evidentemente, com Deus, que também está presente e atuante nesse amor.

### 3.1. A amada amante e o seu amor

O amor da amada surge pautado, todo ele e desde o início ao fim do livro do “Cântico dos Cânticos”, pela sua incandescência. Logo no princípio a amada evoca três vezes em poucas palavras a boca do amado (cf. *Ct.* 1,2), a ponto de, comentando essa reiteração, Teresa de Jesús, bem de acordo com o seu patusco jeito pseudoingénuo de escrever, afirmar: «bem poderia a esposa dizer: “beija-me”, e parece que concluía o seu pedido em menos palavras. Porque aduz “com um beijo da tua boca” [*Ct.* 1,2]? Pois é certo que não há palavras em excesso»<sup>51</sup>. De facto, é como se o amor da amada – indubitavelmente a figura preeminente neste livro, seja devido à sua maior ousadia, qualidade artística, visibilidade quantitativa e voz de abertura (cf. *Ct.* 1,2) e fecho (cf. *Ct.* 8,14) dos discursos – tivesse de ser dito através do desfilarm de um crescer e desenvolver de intimidade que traduzisse o desejo ardente pelo contacto físico com o amado. Aquele toque de epidermes que, apenas podendo ser esperado e preparado, pois o amor de outrem nunca se força antes apenas se pode pedir, permitiria aquele contacto com a pessoa e o amor do amado que cresceriam em humanidade e espiritualidade.

A mencionada intimidade faz, em última análise, com que o mencionado amor do coração da amada, tão sentido como efetivo, acabe por bastar-se a si mesmo para esta: «amor é suficiente por si só. O amor é agradável para si e por si mesmo. O amor é seu próprio mérito e a sua recompensa. Ele não busca fora de si, nem razão, nem recompensa. Eu amo porque amo, eu amo para amar»<sup>52</sup>. Eis porque a amada, em resposta às promessas do amado de presentes de ouro (cf. *Ct.* 1,11), o preferirá a todos os tesouros do mundo (cf. *Ct.* 8,7). Sem o amado, a amada e o seu amor são verdadeiramente pobres, mostrando

<sup>50</sup> Cf. ROWLEY, Harold Henry – The Interpretation of the Song of Songs, *The Journal of Theological Studies*, 38 (1937) 337-363.

<sup>51</sup> TERESA DE JESÚS – *Conceptos del amor de Dios*, 2, 16.

<sup>52</sup> BERNARD DE CLAIRVAUX – *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, 83, 4.

àquela que havia sido suscitada, desde sempre, para o amado e que só este, na sua diferença biológica que sacia as aspirações mais profundas da amada expressas corporalmente, a pode satisfazer realmente (cf. *Ct.* 5,6).

Nicolau Cabasilas, fazendo uma leitura alegórico-tipológica desta passagem (mas em que “Deus” pode ser perfeitamente entendido como o “amado” na sua radical distinção e alteridade face à “amada” concebida como a “humanidade”), diz: «o desejo humano foi preparado, desde o início, como uma caixa imensa, grande o suficiente para conter o próprio Deus. É por isso que nada aqui em baixo nos sacia, nada satisfaz nossos desejos»<sup>53</sup>. Amor abrasador que tenta descrever o amado, mas fracassa de modo incessante nesse empreendimento, pois aqueloutro escapa-se a toda a descrição verbal, não menos porque ele, para ela e pelas próprias forças desta, é inacessível (cf. *Ct.* 5,6.16): «a esposa – refere Gregório de Nissa com grande clarividência mística – bem que tenta imaginar toda uma panóplia de termos que sejam capazes de significar o seu bem inexprimível, mas experimenta que toda a capacidade expressiva da linguagem é ultrapassada; eis a razão de dizer que o denominará como puder»<sup>54</sup>.

A busca inquieta, por parte da amada e do seu amor em consequência de uma languidez de paixão (cf. *Ct.* 2,5; 5,8), do amado, o qual não tem outro nome além do que a amada lhe dá (cf. *Ct.* 3,3), e do amor do mesmo fazem com que aquela perca toda a prudência e todo o receio de parecer insensata (cf. *Ct.* 3,1; 5,7) na expectativa e na vivência de uma doçura, alegria e ebridade superlativas (cf. *Ct.* 1,2.3). Languidez de paixão amorosa, ou melhor, de amor apaixonado; doença de amor; pena e morte de amor:

Não reclama ela porque [o amado] a feriu, porque o enamorado, quanto mais ferido estiver, mais pago estará, mas dado que, tendo [o amado] ferido o seu coração, não o curou acabando de matá-lo. Porque as feridas do amor são tão doces e tão saborosas que, se não chegam ao morrer, não a podem satisfazer; mas são tão saborosas, que quereria que a ferissem até acabarem-na de matar.<sup>55</sup>

E o que é estar ferido de Amor? Orígenes de Alexandria deixa-o bem claro quando menciona: «se há alguém que foi perfurado pela seta do amor, a ponto de suspirar dia e noite por ele, de não poder pronunciar ou querer ouvir mais nada, de não saber, gostar, pensar, querer ou esperar mais do que

<sup>53</sup> NICOLAU CABASILAS – *A vida em Cristo*, 2.

<sup>54</sup> GREGÓRIO DE NISSA – *Homilias acerca do Cântico dos Cânticos*, 12.

<sup>55</sup> JUAN DE LA CRUZ – *Cântico espiritual*, B, 9, 3.

ele: esse diz com razão: "estou ferido de amor" [Ct. 2,5]<sup>56</sup>. Amor audacioso que leva a amada inclusive a desejar ser renascida pelo amor (cf. Ct. 3,4), inseparavelmente corporal e espiritual, do amado, numa transformação de todo o seu ser para que da união dos corpos biologicamente complementares se chegue a uma união, e não a uma mera junção ou justaposição, espiritual que leve, finalmente, a que se unam «amado com amada, / amada no Amado transformada»<sup>57</sup>.

Em consequência de tamanho deleite, expectado e/ou vivenciado num amor sem cálculos (cf. Ct. 6,12) e tocado por um ardente desejo sexual (cf. Ct. 1,13; 8,6), a amada desfalece e sente-se necessitada de ajuda (cf. Ct. 1,2.4; 2,10; 4,8), inclusive para, mesmo nos patamares mais nobres do amor (cf. Ct. 8,5), poder amar como gostaria de amar face ao amor que reconhece que o amado merece. E é a este que ela pede auxílio: «"arrasta-me" [Ct. 1,4]; eis uma palavra que expressa um querer e ao mesmo tempo uma incapacidade!»<sup>58</sup>. Efetivamente, o amor inebriado, de quem se sente extaticamente fora de si (cf. Ct. 5,6), só pode ser auxiliado por quem o suscita e, assim, a amada pede, paradoxalmente, ajuda justamente aquele que a faz delirar e ficar frágil e, não só ébria, mas igualmente ferida (cf. Ct. 2,5): «a doença de amor só pode ser curada pelo amor»<sup>59</sup>.

A amada, ferida pelo seu amor e pelas intermitências do coração (cf. Ct. 2,17; 4,8) que, não obstante uma incoativa pertença recíproca (cf. Ct. 2,16), de algum modo a impedem de abraçar incessantemente o amado com uma constância ao nível do seu fervor (cf. Ct. 5,2), só pode ser curada por esse mesmo amor do amado que vive e sente em si (cf. Ct. 2,5). Juan de la Cruz pode servir mais uma vez de ilustração do que acabámos de apontar:

Há uma diferença entre este cautério amoroso e o do fogo material, dado que este não pode voltar a curar a ferida que causa, se não se aplicam outros medicamentos; mas a ferida do cautério do amor não pode ser curada com outro medicamento, mas é o próprio cautério que a causa que a cura, e o mesmo que a cura, curando-a, fá-la [à ferida]; porque, toda a vez que toca o cautério do amor na ferida do amor, faz [uma] maior ferida de amor, e assim cura e sara mais, porquanto fere mais; porque o amante, quanto mais ferido está, mais saudável [está]; e a cura que faz o amor é ferir e chagar sobre o

<sup>56</sup> ORÍGENES DE ALEXANDRIA – *Comentário ao Cântico dos Cânticos*, 3.

<sup>57</sup> JUAN DE LA CRUZ – *Noite escura*, estrofe 5.

<sup>58</sup> GREGÓRIO MAGNO – *Exposição acerca do Cântico do Cânticos*, 24.

<sup>59</sup> THÉRÈSE DE LISIEUX – *Lettre à Marie Guérin*, in IDEM – *Correspondance générale*, vol. 1. Paris: Cerf, Desclée de Brouwer, 1972, 548.

ferido, até que a ferida seja tão grande que toda a alma venha a transformar-se numa ferida de amor.<sup>60</sup>

Como vemos, o mencionado amor do amado, uma vez unido ao da amada, revela a este e, assim, a ela, que a sanidade é estar ferida, por aqueles, num gemido que esgota a amada até adormecer, como veremos ainda outras vezes, nos braços do amor masculino do amado (cf. *Ct.*, 2,7; 3,5; 8,4), de onde pedirá – no que é, sem dúvida alguma, um dos mais poderosos e vibrantes cânticos definidores do amor (cf. *Ct.* 8,6s) – para ser gravada, precisamente em tais braços e mais ainda no seu coração (cf. *Ct.* 8,6), numa união imperecedoura.

É esta união que leva a que se saiba, de modo vivencial, que é quando a amada se entrega ao amado que ela acaba por ter a única força deste: a do amor. Na realidade, é colocando-se ao serviço dele que ele não pode senão colocar-se ao serviço dela (cf. *Ct.* 8,6). Assim sendo, e como ainda veremos com outro detalhe quando falarmos do amor masculino, o amor da amada e a sua beleza tornam-se como que invencíveis para o amado, mas somente porque tal amor faz com que este, vendo o seu próprio amor levado ao ápice, se deixe tornar frágil e até dependente ante aquela (cf. *Ct.* 6,4s). E isso, de modo a que a amada possa sentir e expressar que, havendo sido ferida de amor pelo amor do amado, só lhe possa responder com uma ferida que o seu próprio amor inflija naquele: ferida de amor com ferida de amor se paga (cf. *Ct.* 4,9; 6,5): «oh, Amor, deleitaste-te em me martirizar; agora é necessário que eu tenha a minha vingança, fazendo-te as mesmas feridas que me fizeste padecer»<sup>61</sup>.

A amada reconhece que a sua pessoa, o seu corpo e o seu amor só são a si na medida em que são do amado, donde tal amor e a amada pertencem-se na medida em que se perdem dimanando em «odor de sacrifício»<sup>62</sup> (cf. *Ct.* 1,12), sobretudo quando o amado a visita e ambos se entregam a um desfrute de mútua partilha. E perdem-se para que, sem que isso seja o móbil da ação da amada, esta e o seu amor se reencontrem num plano mais pleno que dá a redescobrir àquela a presença do amado em si, através de uma superação perpétua que «jamais cessa de buscar mais além do que já se abarcou»<sup>63</sup> e numa descida até ao mais íntimo de si mesma (cf. *Ct.* 3,3s), onde ela e aquele se olham coração a coração. É impossível não recordar, a este propósito, as já celeberrimas palavras de Agostinho: «Tarde te amei, Beleza

<sup>60</sup> JUAN DE LA CRUZ – *Viva chama de amor*, B, 2, 7.

<sup>61</sup> MARIE DE L'INCARNATION – *Le Témoignage*, 1, 7, 5.

<sup>62</sup> CLAUDEL, Paul – *Paul Claudel interroge le Cantique des Cantiques*. Paris: Gallimard, 1948, 41.

<sup>63</sup> GREGÓRIO DE NISSA – *Homilias acerca do Cântico dos Cânticos*, 2.

tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que estavas dentro de mim, e eu lá fora, a procurar-te!»<sup>64</sup>.

O amor feminino, assim e pelo seu ser superlativo e expansivo que só se delicia no mais íntimo do amado, é dito em analogia à própria vida de uma amada que, como o seu amor, se dilata incessantemente como um perfume que se espalha e dissipa (cf. *Ct.* 1,12): «todos os meus perfumes são para ti sem retorno»<sup>65</sup>. Mas dilata-se apenas mediante o abrir-se ao acolhimento do amor do amado, entregando a sua beleza oferecida em desejo e em amor de ardor humilde. Por um lado, o ardor próprio das flores mais belas que se espriam dando beleza intensa e tão mais intensa quanto mais fugaz. Por outro lado, a humildade característica igualmente das flores que vivem na sombra dos vales (cf. *Ct.* 2,1), mas embelezando as colinas que os rodeiam (cf. *Ct.* 2,8) pela água que, sendo acolhida naqueles, estas não logram reter: «as montanhas mais altas da terra não podem receber a revelação dos meus favores / pois o caudal do Meu Espírito Santo flui naturalmente para baixo»<sup>66</sup>.

O amor feminino é, justamente e numa dinâmica que se eleva por etapas sucessivas até à perfeição (cf. *Ct.* 2,8s) que só é logrável na permuta de uma alteridade complementar também corporal – dita por símbolos e metáforas radicais –, aquilo que promove o amado naquilo de que ele carece mais radicalmente. A saber: justamente o amor da amada, sem o qual ele, devido a ser varão, não é tão magnificente quanto poderia ser. Deste modo, o amor da amada torna-se, para quem tiver olhos para ver e se deixar encantar pela maior beleza que é sempre a que decorre do irradiar numa pessoa da beleza daquela a quem ela ama – e não é «o amor o olho e o amar ver»<sup>67</sup>? –, como que o ícone do amado, também naquilo que este carece para, de alguma forma, se completar, nomeadamente a nível do seu acolhimento por quem ele ama (cf. *Ct.* 6,1). A propósito disto que acabámos de mencionar, o grande místico capadócio refere que

se não for muito ousado dizer isto, talvez elas [as amigas da amada] também tenham visto, através da esposa, a beleza do Esposo e admirado o que é invisível e incompreensível [...]. Talvez seja por isso que as amigas da esposa, abrindo o seu coração, vejam, de um modo mais penetrante, quem é invisível [...]. É assim que a esposa suscita o espanto nas amigas através de um só dos seus olhos. Deste modo, é cego aquele que tem muitos olhos e

<sup>64</sup> AGOSTINHO DE HIPONA – *Confissões*, 10, 27, 38.

<sup>65</sup> THÉRÈSE DE LISIEUX – “Vivre d’amour”, in IDEM – *Poésies*. Paris: Cerf; Desclée de Brouwer, 1979, 99.

<sup>66</sup> MECHTHILD VON MAGDEBURG – *A luz fluente da divindade*, 2, 26.

<sup>67</sup> RICARDO DE SÃO VÍTOR – *Os graus da caridade*, 3.

que se serve deles para olhar para vaidades, mas tem um olhar penetrante e perspicaz aquele que, pelo único olho do coração, contempla o único bem.<sup>68</sup>

Se assim é, o amor feminino não pode ser senão tido como fechado/exclusivo (cf. *Ct.* 4,12) e, também devido à ação em si do amor do amado (cf. *Ct.* 5,4), aberto/dadivante como um novo Éden a brotar rios desde si (cf. *Ct.* 4,15): «fonte dos jardins espirituais e do poço das águas vivas e vivificantes que – diz um dos mais encantadores discípulos de Bernardo de Clairvaux – fluem na torrente do divino Líbano, e assim do Monte Sião para todas as nações que o cercam ou se espalham por toda a parte, como rios de paz e correntes de graça transbordando do céu»<sup>69</sup>. Ou melhor: generoso, pois íntegro e unificado no focar da sua atenção no amado e no seu amor, arrastando consigo todo o Cosmos que, tal como a biologia corporal feminina, é fecunda matriz fecundada do acolhimento da fecunda graça fecundante.

Amando exclusivamente o amado, a amada recolhe, pelo seu amor e em si mesma, todas as aspirações do Mundo num louvor pelo qual esse próprio Mundo pode ser revivificado. E é-o, notavelmente por uma entrega de si ao amado operada pela doação amorosa extasiante a este do seu próprio corpo, e por este o seu ser, num banquete que incendiará todo o Universo pela comunicação da felicidade dada e acolhida (cf. *Ct.* 5,1.16):

Ditosa a largueza daquela alma e ditoso o caminho cuidado daquele espírito onde o amado descansa, come e faz morada. E com que meios, e com que recursos, é que se pode imaginar que ele é sustentado? A paz é o primeiro manjar; a humildade é servida ao mesmo tempo que a paciência, a mansidão e a força gentil, e como sobremesa, de suavidade extraordinária, a pureza de coração. No entanto, o essencial deste banquete é o amor.<sup>70</sup>

Felicidade permutada, indubitavelmente, mas atestada maximamente no meio de uma convergência do vento frio, dos momentos difíceis, e do vento quente, dos momentos mais felizes, que, também em analogia sem paralelismo com a união do amado e da amada, só em conjugação permitem a verdade e a fecundidade do amor (cf. *Ct.* 4,16), naquilo que «tudo inflama, dá e recria e reavive a vontade, e reergue os apetites (que antes estavam caídos e adormeceram) do amor [...], de tal modo que se pode bem dizer que recorda os amores dele e dela [...] e, manifestando o tesouro e o caudal

<sup>68</sup> GREGÓRIO DE NISSA – *Homilias acerca do Cântico dos Cânticos*, 8.

<sup>69</sup> AMADEU DE CLERMONT – *Homilias marianas*, 7.

<sup>70</sup> ORÍGENES DE ALEXANDRIA – *Comentário ao Cântico dos Cânticos*, 2.

interior, manifesta toda a beleza dela»<sup>71</sup> e, se nos permitido for acrescentar uma palavra ao escrito enclaustrador do antes mais livre poeta de Fontiveros, dele. Eis igualmente a união de dois jardins (o da amada e o do amado) que se revelam como sendo um só, naquela união que aumenta na proporção da diferenciação, pois quanto mais a amada se dá em amor, mais se autentifica e permite ao amado que, baixando as suas defesas, a ela se entregue sem reservas, no que também o faz mais verdadeiramente ele mesmo nela: «ele não pode sofrer, nem pode sua Majestade geralmente, deixar de se entregar àquela que se lhe entrega totalmente»<sup>72</sup>. Deixemos, presentemente, cair o “geralmente” empregue, pois tal precaução não se justifica à luz do que é o verdadeiro amor.

Como verificamos, o amor feminino vive no horizonte da reciprocidade vivida e aspirada (cf. *Ct.* 2,16; 7,10) de uma «mistura de amor e de amor»<sup>73</sup>. Uma reciprocidade, desejada para o companheirismo e a união que pressupõe a alteridade, de quem é complementada e complementa, numa renovação sucessiva da aliança de amor dita de diversas formas na Bíblia (cf. *Ez.* 36,28; *Jr.* 31,33; *Jo.* 10,14). Para que ocorra tal sintonia harmónica do amor daqueles que se completam, também biológica e corporalmente, é mesmo dito, na linha do apontado precedentemente por Teresa de Jesús e subvertendo pressupostos hierárquicos, que o amor da amada pede, e exerce, a faculdade de poder tomar uma iniciativa que, ao longo do “Cântico dos Cânticos”, parece ser sugerida como sendo, sobretudo, uma característica do amor masculino. E pede-o para não amar menos do que ele numa afeição recíproca que exige um outro “eu”, maximamente diferente de si, para que, não a mera junção, mas a união, de que temos vindo a falar, seja possível (cf. *Ct.* 6,3 observando-se que aqui as proposições surgem numa ordem inversa às de *Ct.* 2,16): «em posse deste amor a amada aparece com o amado em pé de igualdade, pois a sua afeição recíproca torna tudo comum a ambos»<sup>74</sup>.

Eis o que inverte a injunção genesiaca (cf. *Gn.* 3,16): já não é só o amado, e o seu amor, a cuidar, e a guardar, pela bondade e o desejo, a amada, antes é, maiormente, cuidado e guardado pela amada, através da força discreta e humilde do desejo – essa sublime «linguagem das almas»<sup>75</sup> – e da ternura desta. Agora é a amada que, se antes necessitava da ajuda do amado, ajuda este na sua fragilidade (cf. *Ct.* 7,11), tal como também é característico do próprio Deus-Amor face ao ser humano: «Deus – diz o grande poeta capadócio

<sup>71</sup> JUAN DE LA CRUZ – *Viva chama de amor*, B, 17, 4-6.

<sup>72</sup> TERESA DE JESÚS – *Conceptos del amor de Dios*, 6, 9.

<sup>73</sup> MARIE DE L'INCARNATION – *Le Témoignage*, 1, 7, 5.

<sup>74</sup> ÉLISABETH DE LA TRINITÉ – *Le Ciel dans la foi*, 4.

<sup>75</sup> GREGÓRIO MAGNO – *Exposição acerca do Livro de Job*, 2, 7.

falando da única sede de que é relevante um teólogo falar – tem sede da nossa sede»<sup>76</sup>. Amor feminino que de frágil se fez vitorioso por essa mesma fragilidade, a qual fragiliza ainda mais o amado e o faz viver de modo desarmado, despido, desnudado ante a força do amor da amada (cf. *Ct.* 6,4s), qual fonte que se dá à amada e se torna igualmente a sede que recebe desta: «ele está na abundância, como aquele que vai saciar; ele está necessitado, como aquele que vai receber»<sup>77</sup>.

### 3.2. O amado amante e o seu amor

Se o amor feminino aparece, do princípio ao fim do “Cântico dos Cânticos”, envolto na sua ardência, no que diz respeito ao amor masculino o seu traço mais abarcante pode ser dito como sendo o facto de ser atencioso (cf. *Ct.* 1,4). O amado vai, logo de início, em auxílio da amada. E isso, em resposta ao pedido de socorro amoroso por parte da amada que, não obstante o desejo ardente do seu amor que desvenda a complexidade de tal desejo enquanto dinamismo vital, se sente incapaz de avançar até ao amado: «“Arrasta-me”, diz a esposa àquele a quem ela ama; isto é: “começa primeiro”, pois eu não me posso mover; eu não posso mover-me se tu não me moveres; mas quando me moveres, ó querido esposo da minha alma, nós correremos os dois; tu vais correr à minha frente, arrastando-me cada vez mais, e eu vou seguir-te no encalço»<sup>78</sup>.

Mais: ele sustenta-a, quando ela adormece nos seus braços pelo seu cansaço, com enorme cuidado e carinho, pedindo, além do mais, para não a acordarem. Acordada esta, estabelece-se com ela no seu corpo, do dela distinto e descrito em paralelo com o Templo (cf. *Ct.* 5,10-16). Estabelece-se, pois, em Sião, no próprio Calvário – «monte dos amantes»<sup>79</sup> – diríamos nós cristãos, enquanto local do contacto entre o Céu e a Terra (cf. *Ct.* 4,6) em que há uma transformação do amor através da passagem do sacrifício, do fazer tudo em si amor tal como Deus é, conquanto a amada se prepare para essa realidade: «é impossível viver com o amado sem ter sido transformada pela mirra da morte na divindade do incenso»<sup>80</sup>.

De facto, o amor do amado tem sempre a amada no seu coração e na mira dos seus olhos, mas, como já vimos, o amor desta tem dificuldades que precisam de ser superadas com a ajuda (cf. *Ct.* 4,8) do amor geralmente primeiro do amado (cf. *Ct.* 1,2.4), atencioso e lúcido expresso por «uma voz espiritual

<sup>76</sup> GREGÓRIO DE NAZIANZO – *Discurso sobre o Baptismo*, 40, 27.

<sup>77</sup> AGOSTINHO DE HIPONA – *Comentário ao Evangelho de João*, 15, 12.

<sup>78</sup> FRANÇOIS DE SALES – *Tratado do amor de Deus*, 2, 13.

<sup>79</sup> FRANÇOIS DE SALES – *Tratado do amor de Deus*, 12, 13.

<sup>80</sup> GREGÓRIO DE NISSA – *Homilias acerca do Cântico dos Cânticos*, 8.

que não traz outros sons corporais, nem o pesar e aborrecimento deles, mas grandeza, força, poder, deleite e glória»<sup>81</sup>. Eis um amor que nunca se impacienta, respeitando sempre aquela que o feriu, não só pelo seu amor, mas igualmente por não o amar, acabando por deixar que ela se faça guiar por si, voluntariamente e sem cálculos (cf. *Ct.* 6,12): «a rosa é sem porquê; floresce simplesmente porque floresce. / Não presta atenção a si mesma, / nem pergunta se alguém a vê»<sup>82</sup>.

O ser paciente e respeitoso é, tal como já foi apontado antes, outra das características marcantes do amor masculino. Sinal disto mesmo é que o amor do amado faz com que este se entregue à disponibilidade absoluta de fazer a vontade da amada e, concomitantemente, impede-o de fazer o que quer que seja que possa forçar o coração da mesma até que esta, acedendo à vontade constante do amado, queira despertar do seu amor (cf. *Ct.* 2,7; 3,5; 8,4): «o amor da esposa é imenso [...] e vem a acordar quando ela quer, acordando quando o amor quer, porque como tem a sua vontade transformada na do amado, o mesmo é acordar pela deste que acordar pela dela»<sup>83</sup>.

Outro sinal do que acabámos de referir é a capacidade do amor masculino de se fazer presente, mas de um modo sempre discreto e humilde na sua paciência, que faz com que o olhar do coração do amado penetre no coração da amada, mas não entrando no mesmo pela força, antes se aproximando e parando sucessivamente (cf. *Ct.* 2,9). Bernard de Clairvaux pode vir, outra vez, em nosso auxílio com um texto elucidativo: «o amado vem, ele se apressa, ele se aproxima, ele para, ele olha, ele fala, e nada disso escapa ao olhar da amada. [...] Ele vem pelo desejo que ele tem de lhe comunicar amor, ele se apressa pelo zelo que o anima para a socorrer [...]. Ele não a ignorará, ele não a abandonará, mas parará para falar com ela e lhe dizer coisas por amor»<sup>84</sup>.

Mas sendo o amor do amado atencioso e paciente, podemos dizer que o é em consequência de uma mescla, também matricialmente corporal, de ebriedade e loucura, fazendo-o ser sábio e razoável mesmo no meio da própria loucura da ebriedade. Ou melhor: amor sábio e razoável pois louco e ébrio por causa desse mesmo amor, perdendo a medida sem perder a ordem (cf. *Ct.* 1,4): «no seu incremento, o amor, sem perder a ordem, perde a medida que bloqueia e encontra a ebriedade»<sup>85</sup>. Eis o que leva a que o amado implore à amada para ver o seu rosto e ouvir a sua voz, vindo ao seu encontro com uma ternura infinita colocada, por exemplo, no termo "noiva" (cf. *Ct.* 4,9),

<sup>81</sup> JUAN DE LA CRUZ – *Cântico espiritual*, B, 14s, 10.

<sup>82</sup> ANGELUS SILÉSIUS – *Peregrino querubínico*, 1, 289.

<sup>83</sup> FRANCISCO DE SANTA MARIA – *Sermões*, 19.

<sup>84</sup> BERNARD DE CLAIRVAUX – *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, 57, 1.

<sup>85</sup> JAN VAN RUUSBROEC – *As sete custódias do amor*, 8, 13.

apontando para o «amor louco»<sup>86</sup> sempre disponível para perdoar de modo recriador pelo único e imenso poder de tal amor: esse próprio, o qual é o estandarte da sua força (cf. *Ct.* 2,4; 6,4). O amor com o qual, e só com o qual, o amado combate as trevas do desamor, às quais a amada, por imaturidade e insensatez, deu poder sobre ela mesma (cf. *Ct.* 3,8). Trevas que mais não são resultado da «gordura espiritual que é a espessura que o mal faz que envolvam o espírito»<sup>87</sup>.

Eis um poder extraordinário do amor masculino: o de ser capaz de limitar o seu ímpeto, esperando, sem impaciência, toda uma vida por uma conversão sincera da sua amada a si mesmo (cf. *Ct.* 3,5). O amado poderia, fruto do calor do seu amor, forçar a entrada na amada, todavia respeita infinitamente a liberdade de decisão da amada (cf. *Ct.* 5,4). Mesmo quando ferido pelo desamor da amada, retira-se em silêncio (cf. *Ct.* 6,1) sem fazer a mais pequena censura, ou proferir a mais diminuta palavra de crítica ou de severidade (cf. *Ct.* 5,6). E isto por dois motivos: por um lado, «o amado afasta-se para que a amada, não o encontrando quando o procurar, o busque com um ardor renovado»<sup>88</sup>; por outro, «o amado afasta-se, magoado no seu amor, para, deixando cair sobre si a culpa que incumbiria à amada, colocar sal nas feridas provocadas pela falta de amor desta»<sup>89</sup>.

De facto, todas as palavras do amado, em vez de serem de recriminação, são para amar e admirar a amada, dando a esta o seu próprio nome de amor (cf. *Ct.* 7,7). Nesta linha, o seu próprio retirar-se é um ir discreto e cuidadoso para o mais íntimo da sua amada, pois ela, e nada mais, é o seu verdadeiro paraíso (cf. *Ct.* 5,1). Neste sentido, ele convida a que mesma possa descobrir, pela dor que a sua ausência possa causar nela e sem nunca deixar de a amar, a sua verdade nas feridas que fez nele e, assim vendo-o maltratado, se arrependa de não (o) amar (cf. *Ct.* 5,3s):

Um Pastorinho sozinho está abatido,  
 .....  
 Não chora por o amor o ter chagado,  
 Que não lhe magoa o assim ver-se dorido,  
 Ainda que o coração esteja ferido,  
 Mas chora por pensar que está esquecido.

<sup>86</sup> NICOLAU CABASILAS – *A vida em Cristo*, 6.

<sup>87</sup> EVÁGRIO PÔNTICO – *Capítulos gnósticos*, 4, 36.

<sup>88</sup> GREGÓRIO MAGNO – *Exposição acerca do Livro de Job*, 5, 6.

<sup>89</sup> CUNIGUNDE VON STOMMELN – *A amarga doçura do amor*, 6, 8.

Que só de pensar que está esquecido  
Por sua bela pastora, com dor tamanha,  
se deixa maltratar em terra estranha,  
o peito do amor muito dolorido.<sup>90</sup>

O amado ama a amada, mesmo quando esta se encerrou em si mesma e se desfigurou pelo desamor e, ante o desamor da amada, a sua resposta só pode ser mais e mais amor. Um amor que, como acabará por acontecer e pelos beijos corporais do seu amor infinitamente misericordioso (cf. *Ct.* 7,6), transfigure a amada e acabe por transformar em alianças reais as amarras de escrava que a amada, renegando-o, colocou em si própria (cf. *Ct.* 1,10s): «na amada em que o cautério de amor toca, esteja ferida de outros cautérios de misérias e pecados, esteja sã, logo ele a deixa ferida de amor, e as feridas que tinham outra causa tornam-se feridas de amor»<sup>91</sup>.

Será, por conseguinte, das cicatrizes da amada que o amado faz a mesma ainda mais bela, não desculpando, nem esquecendo, mas perdoando com um amor totalmente independente do passado, pois a amada é sempre a apaixonada que, acendendo compaixão no coração daquele que a ama, suscita uma misericórdia que nunca se cansa de perdoar e de continuar a perdoar na lógica do recriar que pressupõe uma humildade extraordinária (cf. *Ct.* 4,9): «o amado, em vez de se aproximar primeiramente no meio de um fogo extraordinário, consumindo, da base ao cume, toda uma qualquer montanha, manifesta uma atitude que, pelo contrário, é toda ela de doçura e de afabilidade tendo em vista a alegria da amada»<sup>92</sup>. Eis um amor que mostra que apesar de tudo, apesar de toda a insensatez do desamor da amada, nada mudou na entrega do amado à amada, exceto no ficar ainda mais ardente a ponto de como que deixar de haver beleza para os seus olhos senão nela (cf. *Ct.* 6,5-9): «aquele que mudou a condição da amada de escrava por aquela da realeza, fez desta capaz de, pela sua liberdade e integridade, receber o seu espírito e tornar-se na pomba perfeita que o amado contempla»<sup>93</sup>.

Se assim é, o único poder do amor do amado não chega ao coração da amada senão pelo excesso do seu amor (cf. *Ct.* 2,4). Apesar de poderoso (cf. *Ct.* 2,8s), tal amor igualmente paciente (cf. *Ct.* 2,7) revela uma tremenda reserva e discrição numa espera cheia de humildade e deferência, para que ele e a amada se adaptem mutuamente em partilha, até serem, com os seus amores, um para o outro em reciprocidade (cf. *Ct.* 2,9). Aqui temos aquilo que

<sup>90</sup> JUAN DE LA CRUZ – *Poemas: “O pastorinho”*.

<sup>91</sup> JUAN DE LA CRUZ – *Viva chama de amor*, B, 2, 7.

<sup>92</sup> GREGÓRIO DE NISSA – *Homilias acerca do Cântico dos Cânticos*, 3.

<sup>93</sup> GREGÓRIO DE NISSA – *Homilias acerca do Cântico dos Cânticos*, 15.

pode ser dito como um correlato com o que aconteceu na própria história de amor entre Deus e a humanidade: «o Logos divino habitou no homem e fez-Se filho do homem para habituar o homem a receber Deus e, ao mesmo tempo, a habituar Deus a habitar no homem»<sup>94</sup>.

Pois bem, tal amor leva o amado a esvaziar-se e a descer (cf. *Ct.* 6,2.10s) até onde se deixa aprisionar sem se limitar para, desse modo, elevar a amada ao seu próprio nível, deixando, numa imensa condescendência, que ela se relacione consigo de igual para igual. Esposo dela, pela entrega mútua também corporal que, pela contemplação da «estrema beleza do corpo de quem se ama, pode levar às lágrimas de glorificação ao Criador»<sup>95</sup>. [I]rmão da mesma, pela natureza elevada decorrente de baixar até ela para a elevar até si (cf. *Ct.* 8,1). Amor do amado que transfigura a amada, a qual cresce de beleza em beleza pelo próprio olhar daquele (cf. *Ct.* 1,5): «agora podes ver-me, amado, e ter-me em maior afeição, pois só pela bondade do teu primeiro olhar reconheceste em mim benesses pelas quais sinto que a minha beleza merece ser vista, não uma vez, mas inúmeras vezes»<sup>96</sup>. “Vezes” cada vez mais profundas, adquirindo-se aquela sabedoria do amor que mais não é do que «ver tudo na sua verdade com uma inteira liberdade interior»<sup>97</sup>.

Como constatamos, trata-se de um amor maravilhoso, mas extravagante, o qual leva o amado à assunção da sua própria fragilidade e pobreza, colocando-se, com respeito, como um mendigo à porta do coração da amada na noite fria: não alguém que se impõe, mas que implora desde o pó da vida daquela que o mesmo fez o seu trono (cf. *Ct.* 2,9; 5,2-4). E implora, sob a forma de um servo miserável, num amor louco pelo qual quer certificar a veracidade da sua entrega à amada (cf. *Ct.* 6,3): «o amado desejava convencer que o seu amor era infinito, donde ele inventou o seu abaixamento, colocando-se em estado de sofrer males e aflições, para convencer do seu amor aqueles que o feriam»<sup>98</sup>.

Amor louco roubado a si pela amada, sim, e expresso nomeadamente nos nomes que dá à amada (cf. *Ct.* 2,14). Mas um amor sem ilusão acerca de como é o amor da sua amada enquanto alguém frágil e apegada a si mesma e, assim, incorrendo em grandes perigos (cf. *Ct.* 4,8; 5,7). De facto, em nenhum momento o amor masculino está iludido quanto às feridas que a amada poderá fazer a si, mas aceita loucamente isso como consequência do consentimento incondicional de quem é, e como é, a amada (cf. *Ct.* 2,14; 5,6): «o segredo do

<sup>94</sup> IRENEU DE LYON – *Contra as heresias*, 3, 20, 2s.

<sup>95</sup> JOÃO CLÍMACO – *Escada ao Paraíso*, 15, 58.

<sup>96</sup> JUAN DE LA CRUZ – *Cântico espiritual*, B, 33, 7.

<sup>97</sup> MÁXIMO O CONFESSOR – *Centúrias sobre a caridade*, 2, 64.

<sup>98</sup> NICOLAU CABASILAS – *A vida em Cristo*, 4.

coração do amado vê-se nas feridas que ele aceita carregar no seu corpo, pela sua bondade infinita e pelas suas entranhas de misericórdia para com a amada»<sup>99</sup>.

Quem senão alguém feito frágil e pobre, pelo seu amor tomado louco, viverá uma ansiedade extrema (cf. *Ct.* 6,11s) que faz ficar voluntariamente aprisionado por um simples cabelo da amada, mostrando ser impossível «recrear, desde logo, aquele que se deixa prender por um único cabelo que voa sobre o nosso pescoço»<sup>100</sup>? Quem? Mas é essa fragilidade, que dá asas à alegria do amor masculino que se esvai a balbuciar a beleza da amada, que leva o amado a uma doce escravidão que liberta ainda mais aquela na sua capacidade de amar (cf. *Ct.* 7,6-9):

Esta divina prisão  
do grande amor em que eu vivo,  
faz a meu Deus meu cativo,  
e livre meu coração.  
E causa em mim tal paixão  
ver a meu Deus prisioneiro,  
Que morro porque não morro.<sup>101</sup>

Como vemos, trata-se de um amor poderoso, sim, mas aos pés da amada; inacessível a esta por esta só, sim, mas a esforçar-se para abraçar a sua amada, subindo, a todo o preço e depois da antes anotada descida, à árvore com que ela é identificada (cf. *Ct.* 7,8s): «o nobre leito nupcial do amado foi a tão dura cruz para onde a falta de amor da amada o levou, à qual ele subiu com mais alegria e ardor do que um esposo apaixonado»<sup>102</sup>.

Note-se, porém, que, se a amada é infinitamente atrativa para o amor do amado, é porque este, olhando a sensual beleza do corpo desta enquanto anatomicamente diferente do seu, a capacitou primeiramente para isso: «a amada ama o amado pelo amor ardente que este colocou no coração daquela»<sup>103</sup>. E capacitou-a levando a um fluxo e refluxo contínuo, cada vez mais enriquecido pela alteridade e complementaridade em que palavras, odores e amores que se misturam reciprocamente num virar das expectativas mais banais. Isto faz, como já vimos quando falámos do amor feminino, com que o amado, pelo

<sup>99</sup> BERNARD DE CLAIRVAUX – *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, 61, 4.

<sup>100</sup> THÉRÈSE DE LISIEUX – *Lettre à sœur Françoise-Thérèse*, in IDEM – *Correspondance générale*, vol. 1. Paris: Cerf; Desclée de Brouwer, 1972, 347.

<sup>101</sup> TERESA DE JESÚS – *Poesias: "Vivo sem viver em mim"*.

<sup>102</sup> MECHTHILD VON MAGDEBURG – *Livro da graça especial*, 4.

<sup>103</sup> WILLEM VAN SAINT-THIERRY – *Tratado da contemplação de Deus*, 12.

seu amor e nas núpcias corporais (descritas explicitamente pela amada por exemplo em *Ct.* 7,11-14) feitas núpcias espirituais, se descubra dependente da amada e do cuidado bondoso dela (cf. *Ct.* 7,11): «o amado ama de tal modo a amada que se o privássemos disto de forma a que ele não a amasse, estaríamos a privá-lo da sua vida e do seu ser, pois esse amor com o qual ele a ama é a sua própria vida»<sup>104</sup>.

Eis a vitória derradeira do amor que, a partir da sua já anotada fragilidade qualificada, se revela indestrutível e impossível de ser vencido pelo que quer que seja que exista no mundo (cf. *Ct.* 8,6s), antes tomando-se mais corajoso pelos grandes obstáculos que vai enfrentando (cf. *Ct.* 8,7) e, ao mesmo tempo, transfigurador de um ciúme que, em vez de ser dirigido contra quem é infiel, passa a ser uma força protetora e defensora da amada (cf. *Ct.* 8,6s): «o ciúme humano decorre de não se ser amado; o ciúme movido por Deus decorre de não se amar o suficiente [...], dando, porém, a força para não haver um inimigo em cujos olhos não se atire em defesa de quem lhe é querido e por quem tem uma preocupação contínua»<sup>105</sup>.

Tal força é o que permite que o amado, por ser amor e não só amante e descrito de modo descendente como prumo da sua identidade corporal e espiritual (cf. *Ct.* 4,1-5; 5,10-16; 6,4-7), deixe, sem se preocupar com a sua honra, que o seu coração seja a morada eterna de uma amada que, como a imagem do “selo” revela, assim é feita sua protetora (cf. *Ct.* 8,6). Uma amada que, por sua vez, é explicitamente esboçada de forma erótica e ascendente como aquele seu prumo (cf. *Ct.* 7,1-10), no meio das carícias amorosas realizadas pelo seu braço (cf. *Ct.* 8,6):

Por mais condenada e desesperada que se possa sentir a amada, ela sempre poderá encontrar presente em si mesma, não apenas aquilo que lhe permite respirar na esperança do perdão e da misericórdia, mas também o que a faz ousar aspirar a contrair aliança para sempre com o amado, conquanto aceite viver sob o acordo agradável do amor [...], pois o amado não é apenas amante, mas amor. E, podereis perguntar, “não é também honra”? Quem quiser que o sustenha, mas eu nunca o li, tendo apenas lido que é amor.<sup>106</sup>

Descrição erótica, sem qualquer dúvida, pois também o *eros* é sagrado e santo: «Deus que é Amor é o criador e o gerador da ternura e do “eros”,

<sup>104</sup> ECKHART VON HOCHHEIM – *Sermões alemães*, 69.

<sup>105</sup> FRANÇOIS DE SALES – *Tratado do amor de Deus*, 10, 14.

<sup>106</sup> BERNARD DE CLAIRVAUX – *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, 83, 1 e 4.

havendo lançado fora de Si estas realidades que estavam n'Ele mesmo e que passaram a estar nas criaturas [...] como meio de colocar em movimento aqueles que possuem a força do desejo segundo a sua natureza»<sup>107</sup>. Como verificamos, particularmente nos derradeiros parágrafos, esta obra bíblica, que agora nos preparamos para acabar de ponderar, parece-nos querer dizer, de mil e uma formas, que todo o ser humano busca, mesmo quando não o saiba, o amor: o ser amado para poder amar, pois «Deus é amor e fonte de amor, tendo também colocado em nós esse traço»<sup>108</sup>. Mas não só: o “Cântico dos Cânticos” manifesta igualmente, e naquilo que devia ser uma preocupação íncita da teologia fundamental, que os varões e as mulheres buscam razões que persuadam à realização dessa demanda. Todavia, também deixa claro que, em derradeira análise, se se vier a ser persuadido, nunca isso ocorrerá pelas razões que se esperava encontrar, mas pelas que não se esperava, pois todo o amor é um mistério que, embora o faça para se mostrar, se esconde como que atrás de um véu (cf. *Ct.* 4,1.3; 6,7).

### Pensamentos finais

Afirmar a riqueza da complementaridade sexual entre varão e mulher, tão belamente apresentada no “Cântico dos Cânticos”, não é um dado da revelação bíblica senão porque corresponde à realidade milenar da humanidade; senão porque é realidade. Eis porque a mesma, por mais retórica e manipulação linguística que se queira empregar contra a mesma, se mantém de pé, enquanto a “ideologia de género” vai sendo desmascarada como falsa através, por exemplo, da denúncia das suas inúmeras contradições insanáveis<sup>109</sup> decorrentes de ter nascido, e de ainda viver, das aspirações e estratégias que documentámos sucintamente no primeiro capítulo deste estudo.

Uma teologia cristã e católica que não seja capaz de ver e de denunciar isto acabará, quiçá, por promover um Cristianismo sem o verdadeiro Jesus, como foi avançado pela LCWR norte-americana na primeira década deste século XXI, ou, quando não abdicam de tal Jesus, reduzindo-O, através de antologias das Suas palavras e ações, a um “tipo porreiro”, qual Tom Sawyer com fiapos de Ferris Bueller<sup>110</sup>, relativizando quase que totalmente as Suas

<sup>107</sup> MÁXIMO O CONFESSOR – *Acerca dos nomes divinos*, 4, 4.

<sup>108</sup> GREGÓRIO DE NISSA – *Acerca da criação do homem*, 5, 2.

<sup>109</sup> Cf., *v.g.*, não só as que fomos apontando de passagem no segundo capítulo deste ensaio, mas igualmente: ANDERSON, Ryan T. – *When Harry Became Sally: Responding to the Transgender Moment*. New York: Encounter Books, 2018, 44-49.

<sup>110</sup> HUGHES, John (real.) – *Ferris Bueller's Day Off*. Paramount Pictures, 1986. Filme cinematográfico.

palavras, tal como nos parece que foi feito, em fevereiro de 2017, por Arturo Sosa, Prepósito-Geral da Companhia de Jesus .

Mas antes de denunciar há que anunciar.

No que a isto diz respeito, não há dúvida, nem pode haver, de que, de acordo com o exposto, o “Cântico dos Cânticos” é um convite à admiração, reconhecimento e integração de todas as fraquezas e riquezas do amor masculino e do amor feminino. Amores estes que, quando vividos num contexto sexual também integral e jamais reduzido ao gozo físico e reprodutivo, são uma forma de, experimentando-se holisticamente a incompletude e a complementaridade igualmente biológica, educação para uma verdadeira humanidade que não se realiza senão na relacionalidade aberta a Deus. A um Deus que, por tais amores inseparáveis das suas matrizes corporais (ao mesmo tempo sexuais), chama, precisamente, toda a pessoa a tal humanidade humanizada, no seio de uma interpenetração, acalentada pela Sua dinâmica de presença e ausência, do Seu desejo pela mesma e do desejo desta por Deus. Sede (humana) de Deus só saciada por Este, sim, mas ficar por aí é paupérrimo: sede de (o próprio) Deus só saciada pelo ser humano.

Por outras palavras: aprender a amar, e a ser varão e mulher amados e amantes segundo o “Cântico dos Cânticos” – e este ilustrado, como tentámos fazer, por alguns textos de grandes místicos cristãos –, também é começar a viver a sexualidade em todas as suas dimensões, tal como Deus e o coração humano desejam. Em concreto: cuidando, desfrutando e elevando o outro, de si sexualmente diferente e sempre numa mutualidade de intimidade corporal e espiritual que permite o crescimento dos sentimentos e das decisões em comum, levando aqueles e estas a modos sempre novos e mais autênticos.

Os aludidos modos deveriam romper, mais e mais, com o egoísmo e, conjuntamente, permitir que se vivesse, tal como Deus vive, todas as consequências – como a incompreensão, a mágoa e o perdão – daquele sempre tão exigente amor que é possibilitado e potenciado pelo Deus-Amor. E isto mediante o descobrir-se, através da beleza do corpo complementar do outro – que, na sua valorização plena da Incarnação, enfatiza e potencia a de ambos enquanto resplendor da “imagem semelhante” de Deus –, a beleza das suas qualidades interiores. Aquela que – permitindo superar o hiato que existe, em algum discurso coevo, entre metafísica, estética e mística – ajuda a manter vivo o amor que faz daqueles corpos, através dos quais a própria salvação ocorre<sup>111</sup>, um dos melhores cânticos do “Cântico dos Cânticos”.

Fomos recordados algures e ao ler para a redação deste estudo, que o livro de *Qohelet* diz «goza a vida com a mulher que amas» (*Qoh.* 9,9). Todavia,

<sup>111</sup> Cf. TERTULIANO DE CARTAGO – *Acerca da ressurreição da carne*, 8, 3.

com o que vimos do “Cântico dos Cânticos” – esse canto do corpo-alma-espírito do varão e da mulher que não hiperboliza o espiritual em detrimento do material, nem vice-versa –, é preciso não querer ver a realidade para se recusar o facto de que a Escritura também acaba a proferir algo como o que lemos naquele eido agora de nós olvidado: “goza a vida com o varão que amas”. Gozo mútuo, portanto, igualmente pelo despertar em quem se ama, de modo gratuito e alegremente, de um desejo identicamente recíproco. Um que faculta a promoção da, já antes referida, elevação, cuidado e desfrute pessoal dos dois amados-amantes, num equilíbrio relacional do qual o próprio Deus não está, de forma alguma e em nenhum momento ou ocasião, ausente.

Da flor do prazer à flor do coração, e vice-versa, por vezes só são dois instantes de ternura abençoada por Deus, recordando que, se assim é e pelo facto de nem o amado nem a amada resistirem a uma atração mútua que é tão espiritual quão sexual, o próprio exercício genital da sexualidade pode ser como uma forma de orar. Como vemos, os cristãos, quando espiritualmente adultos e educados para serem lúcidos, não devem temer o frágil dom divino do santo amor sexual vivido, em clima de igual dignidade e direitos, entre o varão e a mulher. Pelo contrário: quando o mesmo é vivido com regozijo e ego-desprendimento – e, assim, convertido num sinal profético de esperança para uma humanidade mais humana –, tais cristãos têm muito mais a aprender e a beneficiar com o mesmo. Deste modo, se algum cristão prescindir, por vocação, desta vivência, não deverá ser por ela não ter valor para si, ou por duvidar da bondade da criação e da Criação, mas por reconhecer a valia daquela e a benignidade destas, ter encontrado algo com mais valor ainda.

Somente depois deste anúncio, a ser feito idealmente com ideias e palavras mais conseguidas, é que, num segundo momento e devido ao que já antes procurámos deixar claro, o cristão deverá enveredar por estratégias de afirmação da verdade quanto ao “sexo” e ao “género”. E fazê-lo, sempre com genuíno respeito pela dignidade das pessoas com quem se dialogará, mas sem se confundir este mencionado respeito com uma qualquer falta de coragem para, mesmo que lhes custe, ser franco quanto à verdade. Efetivamente, mesmo que continuem a vir até nós milhares de perseguições – inclusive encetadas por aqueles a quem se deseja estender o coração e as mãos –, os cristãos que forem cientes do que implica ser cristão jamais dirão *“tal pessoa não merece o nosso amor, nem merece ser salva”*. Jamais. Merece sempre o nosso amor e auxílio autênticos.

Assim sendo, e entre outros exemplos que seria possível de mencionar, devemos ter o cuidado de procurar falar sobretudo de “sexo”, em vez da assaz resvaladiça palavra “género”. E isto de modo a deixar claro que esta devia ser empregue apenas para as palavras que se usam, e que, por conseguinte,

ninguém tem um “género” a despeito do seu “sexo”, tendo, isso sim, um sexo masculino ou feminino, que é constituído na concepção; manifesta-se no útero; e é, ultimamente, reconhecido no parto. Ou melhor, que cada pessoa, exceto em casos residuais que não devem ser tratados senão como isso mesmo, é mulher ou varão em harmonia com os seus cromossomas e com as implicações educativas saudáveis que isso comporta, por mais que a sua identidade humana – e não de género – seja sempre imensamente complexa, porquanto abarcadora de todo o seu ser. Não devemos, portanto, aceitar a ideia de que há uma divisão real entre “sexo”, “sexualidade” e “género”, como se se tratasse de realidades isoláveis, relacionadas, respetivamente e apenas, com a biologia, a psicologia e a sociologia.

Ao mesmo tempo, e ainda que algumas pressões sociais no limite nos obriguem a seguir regras arbitrárias de “linguagem de ‘género’”, precisamos de procurar manter uma mente clarividente e sã quanto a estes temas. Ou seja: não nos devemos deixar influenciar por aqueles “engenheiros sociais ‘de género’” que, até estarmos do seu lado, pretendem convencer-nos de que querem o que nós queremos, apenas para, depois, nos obrigarem a querer o que lhes apetece. Tal cuidado com a nossa mente decorre do facto de que, mais importante do que a “ecologia” em sentido restrito, é a genuína «ecologia humana»<sup>112</sup>, única que, por sinal e entre as criaturas materiais, pode cuidar daqueloutra<sup>113</sup>. Eis porque assinalar as já antes apontadas inconsistências é decisivo, por mais que isso obrigue a pensar – essa tarefa tão árdua para tanta gente que só sabe gesticular ou falar melifluamente – sobre as mesmas e, ao mesmo tempo, sobre como as apontar a partir de um genuíno amor por quem as profere.

Mas como isso é difícil... por vezes, para amar, como o “Cântico dos Cânticos” nos recordou, precisamos de nos afastar.

<sup>112</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Centesimus annus*, 38.

<sup>113</sup> Cf., *v.g.*, DUARTE, Alexandre Freire – Ponderações sobre a espiritualidade cristã em contexto de responsabilidade cósmica, *Theologica*, 51: 1 (2016) 69-89.